

Fingir para Germinar: Educação e Antropologia – II A Tradição Japonesa

Profa. Chie Hirose
Doutoranda FEUSP

Resumo: Em continuação ao artigo de mesmo título (parte 1), este artigo examina e discute o confundente conceito de *Mi* na tradição japonesa e o modo como a educação se apoia no corpo, exemplificando com a tradicional Cerimônia do Chá.

Palavras-Chave: Antropologia japonesa e educação. *Mi*, Corpo e Moral. Unidade do Homem. Cerimônia do Chá.

Abstract: Following the first part article (with the same title - part 1), this article examines and discusses the “confounding” concept of *Mi* in Japanese tradition. And how education is founded on body, as it is shown, for example, in Tea Ceremony.

Key-words: Japanese Anthropology and Education. *Mi*, Body and Moral. Unity of Man. Tea Ceremony.

Pensamento Confundente

Na primeira parte deste estudo articulado, Lauand indicou importantes conexões do complexo espírito-corpo que é o homem. A percepção dessa realidade é facilitada pela tradição japonesa que, na própria língua (ou, como diz Lohmann, no *sistema* língua/pensamento) já assume esse fato. Ao final, exemplificaremos com a Cerimônia do Chá.

Começamos por apresentar em suas grandes linhas o pensamento confundente, tarefa na qual valer-me-ei de um estudo de Jean Lauand¹, recolhendo resumidamente os principais pontos que possam ser úteis para este estudo:

Ao analisar cultura e mentalidade de um povo, a língua é um fator importante, na medida em que condiciona o pensamento, a possibilidade de acesso à realidade. Uma dessas formas de acesso ao real é o pensamento confundente, que - numa primeira aproximação - concentra numa única palavra realidades distintas, mas conexas. Se distinguir, dar nomes diferentes para realidades diferentes, é uma importante função da língua; “confundir” é - como já faziam notar Ortega y Gasset e Julián Marías - igualmente importante, pois: “Não haveria como lidar intelectualmente com realidades complexas, em suas conexões, nas quais interessa ver o que há de comum e, portanto, o tipo de relações que há entre realidades que, de resto, são muito diferentes”².

¹. “Pensamento Confundente e Neutro em Tomás de Aquino” <http://www.hottopos.com/notand14/lauand.pdf>
² MARÍAS, J. “Entrevista a JL, 26-5-99” <http://www.hottopos.com/videtur8/entrevista.htm>. *Videtur* No.8, 1999, DLO-FFLCH-USP. Um belo exemplo é dado pelo próprio Marías: “Muitas vezes me tenho referido à vaguíssima e estupenda palavra de nossa língua ‘bicho’ - palavra exasperante para um zoólogo, creio que estão classificadas umas oitenta mil espécies de coleópteros -, que permite designar inúmeras espécies animais, prescindindo de suas diferenças. Se estou lendo ou escrevendo e entra um inseto pela janela - como no poema de Dámaso Alonso -, não poderia tomar facilmente uma decisão de conduta, se tivesse que comportar-me com ele de acordo com sua espécie. Mas, o que quero é unicamente tirá-lo

Em maior ou menor grau, variando de acordo com o setor da realidade a que se aplicam, todas as línguas são “distinguentes” e todas as línguas são confundentes. *Grosso modo*, se as línguas ocidentais parecem tender mais para a distinção, as línguas dos Orientes - consideraremos o caso da língua árabe -, parecem convidar ao pensamento confundente.

Após exemplificar com os diversos significados confundidos na palavra árabe *Salam* (hebraica *Shalom*), Lauand dirige-se ao chinês e ao Brasil:

Quando a língua chinesa confunde diversos significados em torno da palavra *Tao*³, não se trata, evidentemente, de mera equivocidade (como no caso de nossa palavra “manga” – a fruta e a parte da vestimenta que recobre o braço), mas de que a própria visão de mundo, o próprio pensamento está marcado pelo confundente: governo, sabedoria e virtude (*Tao*) devem ser indissociáveis. O português também tem suas confundências. Sobretudo, o português do Brasil, com nossa propensão ao genérico, à indeterminação, ao neutro. No outro dia, dirigindo-me a um colega, vizinho de prédio, a quem freqüentemente dou carona, perguntei: “E aí, você vai para a USP amanhã?”. Sua resposta foi: “Devo ir”. O leitor (e mesmo o interlocutor) não tem a menor possibilidade de saber o que significa esse “devo”, entre nós, muito confundente. Como traduzi-lo, por exemplo, para o inglês (*should, have to, supposed to, must, ought...*)? Pois, esse “devo” pode ser interpretado desde a mais absoluta e imperativa decisão de ir (“eu devo ir, senão a USP desmorona”) até a mais descomprometida e frágil intenção (“eu não falei que iria, eu falei ‘devo ir’, e aí apareceu um desenho animado legal na TV e eu não fui”). (...)

É importante para nós destacar ainda outros aspectos do pensamento confundente, como revelador da cultura da comunidade do falante:

Não só o distinguir, dizíamos, mas também o “confundir” são importantes missões da linguagem, que cria palavras (e acumula sentidos nelas) em função da percepção que temos da realidade (e reciprocamente: percebemos a realidade pelo crivo das palavras de que dispomos...). Os irmãos dos pais e seus filhos recebem os nomes especiais de “tios” e “primos” por uma questão de necessidade, de economia de linguagem e de pensamento, pois freqüentemente nos referimos a eles. Já a “cunhada da sogra da tia da vizinha” nunca receberá um nome

daqui, e tenho que tratá-lo como ‘bicho’ sem estabelecer outros questionamentos” (MARIAS, J. *La felicidad humana*, Madrid, Alianza Editorial, 1988, pp.16-17.)

³ Em sua tese sobre Confúcio, “Antropologia Filosófica e Fundamentos de Educação nos Analectos de Confúcio” (Feusp., 1999), a Profª. Ho Yeh Chia mostra como essa palavra confunde, nos *Analectos*, ao menos oito significados distintos para o Ocidente.

especial, pois ela não entra na cena de nossa realidade cotidiana. Nesse sentido, há uma sugestiva fala no filme *Broken Arrow* de John Woo: um civil é chamado para ajudar a resolver um problema de *broken arrow* e, ao perguntar o que significa essa expressão, recebe a resposta de que é sumiço de arma atômica para o inimigo. Espantado, ele se interroga sobre o que é pior: o roubo de arma atômica ou o fato de já haver um nome para isso! (...)

Confundir é conveniente. Não só quando se trata de realidades “conjugadas” como as que se designam por *salam*, mas também quando a linguagem lida com distinções que não correspondem à realidade. Por exemplo, houve épocas e sociedades que trabalharam com a errônea distinção entre “estrela matutina” (ou “estrela d’alva”) e “estrela vespertina”, que, afinal, na realidade, são o mesmo e único planeta Vênus. E, assim, do ponto de vista científico, o melhor é acabar com a distinção entre as “estrelas” matutina e vespertina.

Mi (身) - O Corpo no Pensamento Confundente

O parágrafo acima parece-nos especialmente importante para nosso tema, pois permitir-nos-á sugerir que talvez se perca algo de conhecimento sobre o homem na visão distinguidora do Ocidente em relação ao corpo. Algo que a antropologia pode recuperar a partir das intuições da língua japonesa.

O corpo tem um caráter misterioso no “eu” de cada um: certamente, não somos nosso corpo, mas, de algum modo, sim o somos: o corpo não é meramente “tido”, ninguém diz “meu corpo está com gripe” ou “você chutou o pé do meu corpo”; o que se diz é “Eu estou com gripe”, “você me chutou”.

O Ocidente, com seu afã de ideias claras e distintas, uma e outra vez, propõe uma dualidade radical corpo / espírito, deixando por resolver os evidentes fatos de integração, como as doenças psicossomáticas e - podemos acrescentar hoje - os fenômenos somato-psíquicos. Não só um desgosto espiritual produz ácidos que podem causar uma úlcera material, mas também as alterações do corpo afetam o espírito. Que o diga o meu acupunturista, que com uma agulha é capaz de dissipar temores ou rancores espirituais.

O Oriente⁴, tradicionalmente, ao contrário do Ocidente, não tem a necessidade de teorizar aquilo que pratica, sabe por experiência que as coisas funcionam assim ou assado e isto basta. Já o viés ocidental - sempre tipicamente falando - só aceita, digamos, uma terapia, se dispuser do modelo teórico adequado que a “fundamente”: quantos médicos ocidentais recusam, por exemplo, a acupuntura, por acharem que noções como a de *Qi*, energia, são vagas e insuficientes. Mesmo confrontados com a comprovada eficácia do tratamento, não o prescreverão. O oriental, que não prioriza o “sistema de pensamento” acolhe a prática que se mostra eficaz. Assim, a tradição oriental pensa o homem como um todo: corpo-espírito, e integrado num todo maior: homem-natureza.

⁴ Naturalmente, quando falamos aqui de “Oriente” e “Ocidente” são tipificações genéricas, que, num estudo mais acurado, requeririam mil detalhamentos concretos; como, por exemplo, os recentes mimetismos do modo ocidental em alguns países do Oriente...

Nosso olhar se dirigirá agora a um conceito antropológico essencial na tradição japonesa: o de *Mi* (身). Numa primeira aproximação: *corpo, self, realidade humana* etc. – e a dificuldade de apreensão, de explicitação, parece elevar-se ao infinito. Não que se trate de um conceito bizarro, artificial ou estranho, mas precisamente por sua adequação e acerto torna-se tão inapreensível quanto o próprio homem. Para o *Mi*, como para os grandes temas antropológicos, sempre vige aquela famosa e felicíssima observação de Agostinho, originalmente refletindo sobre o que é o tempo: se ninguém me pergunta, eu bem sei o que ele é; se eu quiser explicar, não sei (*Si nemo me quaerit, scio...*).

Uma dificuldade adicional provém do fato de que temos - como costuma ocorrer no sistema língua/pensamento oriental – uma relativamente alta acumulação semântica em *Mi*, em comparação com as abordagens ocidentais: *Mi* é o corpo e ao mesmo tempo o homem todo; *Mi* é o *self*, *mi* pode ser o eu etc. Se bem que, na verdade, mesmo as antropologias ocidentais acabam incluindo - de modo mais ou menos consciente e explícito - o corpo como, de algum modo, base para o homem todo, sem que isto implique nenhum tipo de materialismo ou exclusão do espírito. Nesse sentido, note-se de passagem as formas inglesas, tão familiares que o próprio falante do inglês talvez nem repare mais em sua profundidade: *everybody, somebody, anybody, nobody* etc.

Outro fator complicador dessa nossa reflexão sobre o *Mi*, decorre do fato de que o conceito de corpo, no caso, vem embutido num sistema de articulações semânticas distinto daqueles que são usados pelo leitor ocidental.

Com essas observações prévias, podemos agora começar a aproximar-nos do conceito *Mi* (e, para tanto, o caminho dos provérbios e expressões idiomáticas parece adequado). Naturalmente, trata-se aqui somente de uma primeira e informal aproximação.

Os provérbios que apresentamos a seguir foram extraídos das coletâneas que indicamos nas referências bibliográficas; projetos editoriais ousados que buscaram recolher os provérbios e/ou expressões idiomáticas mais conhecidas dos japoneses.

O conceito de *Mi* (身) nos provérbios

Começemos por observar que *Mi* aparece numa palavra já bem conhecida entre nós: *Sashimi*(刺身). Portanto, o leitor brasileiro está familiarizado com um primeiro significado de *Mi* (身) (se quisermos adaptar ao padrão ocidental, que distingue em várias palavras o que o japonês confunde em *Mi*), que enfatiza a carne; a carne que reveste o osso, como aparece no particular corte de peixe do *Sashi-Mi*. Assim, quando há uma situação em que está difícil distinguir as coisas, diz-se: “*É pele ou é Mi*”.

Passando para um segundo significado, muito próximo do anterior, temos *Mi* no sentido do corpo físico.

Hara-mo mi-no uti.

O estômago também faz parte do *Mi*.

Este provérbio trata do *Mi* corpo. Ele diz para não esquecer, quando nos alimentamos, de que o alimento e a bebida vão para o estômago, que não está fora do corpo; ou seja, um alerta contra a gula.

Também a sabedoria das expressões aconselha como medida de segurança: “Deixe o dinheiro pegado ao *Mi*”, bem junto de si, como quando as mulheres escondem cédulas entre os seios.

Nessa mesma linha, encontramos *Mi* no sentido de base para panelas, caixas, recipientes, que servem para conter (nesse caso, o contraponto é dado por uma tampa), como no provérbio:

Mi mo futa mo nashi.

Sem Mi nem tampa.

O sentido é o de que não tem graça ir diretamente a um assunto, sem os comentários adequados dos aspectos contextuais. Nesse caso, a comunicação é insossa: falta-lhe a carne do *Mi*.

Do mesmo modo, o corpo, também para nós, é estrutura básica, como quando falamos em corpo docente, corpo diplomático, corpo de baile, corpo da guarda, corporação, incorporar, ganhar corpo etc., à margem de outras dimensões: da alma, do espírito, do coração...

Mi, dimensão corporal, pode facilmente estender-se à totalidade: uma vez que o corpo do ser vivo é precisamente um corpo *animado*. Assim,

Mi arite no houkou.

Tendo Mi é que se tem serviço.

Somente tendo um corpo saudável é que se consegue trabalhar. Naturalmente, subentende-se aqui o *Mi* com saúde.

Nessa identificação com o *self*, o *Mi* vale pelo todo da pessoa:

Mi wo sutete koso ukabu se mo are.

Existe o lugar que se abre porque se joga o Mi.

Próximo ao nosso “Quem não arrisca, não petisca”, desde que se entenda o arriscar como radical: o próprio eu é que entra em jogo.

A igualdade fundamental entre os homens tem sua base no *Mi*: o que acontece para mim é paradigma do que pode suceder ao semelhante. Nesse sentido, a tradição japonesa aproxima-se do famoso dito de Terêncio: “*Homo sum et nihil humani alienum me puto*”, sou homem e nada daquilo que é humano considero alheio a mim. Ou da, também célebre, sentença de Ortega: “Yo soy yo y mi circunstancia...”, circunstância que inclui, sobretudo, outros *Mi*.

Kyou-wa hito-no Mi, ashita-wa waga Mi.

Hoje, o Mi do outro; amanhã, meu Mi.

Incluem-se aí, evidentemente, as incertezas da existência humana, ao sabor do contingente. O que se reflete também em:

Hito-no ue-ni fuku kaze-wa waga Mi-ni ataru.

O vento que sopra em cima do outro, bate em meu Mi...

Hito-no ue mite waga Mi-wo omoe.

Olhe o outro e pense no seu Mi.

Como em muitos provérbios, a mensagem é aberta, puxando para o neutro. Admite, portanto, múltiplas interpretações; no caso, digamos, pôr a barba de molho, aprender (para o bem e para o mal) com as experiências dos outros, não dizer: desta água não beberei etc.. Contingências e futuros incertos; mas também há futuros previsíveis (condicionados pelo passado) e condicionados pelo acaso. De qualquer modo:

Mi areba mei ari.

Se houver Mi, haverá destino.

Seja como for, o principal fator em nossa vida são nossas ações e escolhas. Por elas, em boa medida, somos mais ou menos felizes.

Mi-kara deta sabi.
A ferrugem sai do Mi

O lixo existencial decorre, em geral, de nossa própria atitude diante da vida. Devemos portanto cuidar a moral, que garante a integridade do *Mi*.

Mi-de Mi-wo kuu.
É o *Mi* que consome (come) o *Mi*.

O provérbio lembra que a principal destruição é a auto-destruição. Também há a variante:

Mi-de Mi-wo tsumeru.
É o *Mi* que espreme o *Mi*.

Akuji Mi-ni kaeru.
Ato mau volta-se contra o Mi.

Todos esses cuidados são aconselhados pelos provérbios porque sabemos que o ser humano vive para si mesmo, e só ele é o sujeito da sua vida.

Mi-ni masaru takara(mono) nashi.
Não há tesouro que supere o Mi.

Mi hodo kawaii mono nai.
Nada é tão encantador como o (bom) Mi.

Sendo o centro mesmo da pessoa, não se pode abdicar do próprio *Mi*:

Ko-wo suteru yabu-wa aru-ga, Mi-wo suteru yabu-wa nai.
Até pode haver matagal para desfazer-se de um filho, mas não para arremessar o próprio Mi.

O *Mi* não é somente a base metafísica do ser humano; ele informa também dimensões como a psicológica, a social etc. Assim, de acordo com o *Mi*, excluem-se certas atitudes, incompatíveis com a dignidade do sujeito:

Mi shirazu-no kuti tataki.
Tagarela que não conhece (não respeita) o Mi.

Pois certos assuntos - ou mesmo o muito falar - não condizem com a dignidade do *Mi*. Mesmo as vicissitudes e contingências da vida são (devem ser) proporcionais ao *Mi*:

Mi-ni sugita kahou-wa wazawai-no moto.
A sorte que ultrapassa o Mi será a base da desgraça.

Aqui, a tradição japonesa aproxima-se da sabedoria cristã que vê o mal como uma desordem (e não como uma entidade positiva).

Com a encantadora forma nossa, "Parabéns!", estamos expressando precisamente isto: que o bem conquistado, que a meta atingida seja usada "para bens". Pois, qualquer bem obtido (o dom da vida, dinheiro ou a conquista de um diploma) pode, como todo mundo sabe, ser empregado para o bem ou para o mal. (Lauand: 2007:47)

Outros provérbios

Mi atataka nareba suimin mashi, Mi yasun zureba ketai okoru.
Se esquentarmos o Mi, ajuda no sono; se acabar a insegurança, surge o Mi preguiçoso.

Ou seja, o ser humano pode se degradar quando permanece numa situação muito confortável.

Mi-no uchi-no takara-wa kutsuru koto nashi.
O tesouro que está dentro do Mi nunca estraga.

O conhecimento e a habilidade aprendidos com muito esforço ajudarão por toda a vida. Como em Mt 6,22: “A lâmpada do corpo é o olho; se teu olho for simples...”

Mi-no tomoshibi-wa me nari.
A luz que ilumina o Mi são os olhos.

Mi-no hodo-wo shire.
Saiba o limite do Mi.

Não se deve desejar mais do que se pode. Analise as coisas lembrando de sua posição e de sua capacidade. (Há também: **Mibun souou-ni kurase.**/ Viva uma vida que corresponde às suas condições.)

Waga Mi-ni itsuwari arumono-wa hito-no makoto-wo utagau.
Quem tem em seu Mi falsidade, duvida da verdade do outro.

Quem tem peso na consciência, vê o outro com sua medida, duvida do outro, como no célebre provérbio espanhol: “*Cree el ladrón que todos son de su condición*”.

Waga Mi-no kusasa ware shirazu.
O próprio não percebe o odor desagradável do seu Mi.

Seus pontos negativos são difíceis de serem percebidos pela própria pessoa:

Waga Mi-no kotowa hito ni toe.
Sobre o seu Mi, pergunte aos outros.

Muitas coisas sobre nós mesmos não podemos perceber sozinhos. O melhor é perguntar aos outros para se auto conhecer. E ouvir com humildade as opiniões alheias.

Ryohou tatereba Mi-ga tatanu.
Se levantar os dois o Mi não levanta.

Considerando as razões dos dois lados, você pode ficar sem a sua razão.

Wagami-wo taten to seba, mazu hito-wo tateyo.
Quer levantar o seu Mi, então comece levantando o outro.

Hito-wo uramu yori Mi-wo urame.
Se é para ficar ressentido com outro, melhor ressentir com Mi.

Antes de ficar odiando o outro, veja se há algo para reavaliar em suas atitudes.

Wagami-wo tsunette hito-no itasa-wo shire.
Beliscar o seu Mi para saber a dor do outro.

A dor que se sente quando se belisca o próprio corpo será a mesma que o outro sente. Assim, devemos nos colocar no lugar do próximo e ter compaixão.

Ada mo nasake mo wagami yori deru.

Tanto o zombar quanto a compaixão sai do seu Mi.

Odiar ou amar alguém, depende de como nos relacionamos com ele.

IkiMi-wa shiniMi.

O Mi vivo é o Mi morto.

Fatalmente, todos os que hoje estão vivendo, um dia morrerão.

Shoubu goto-no suki-na mono-wa Mi-ga motenu.

Quem gosta de jogo, o Mi não segurará.

Quem gosta de jogos de aposta, sucumbirá a eles de corpo e alma.

O próprio ideograma traz sugestivas indicações. Se no chinês moderno o ideograma *shen*(身) corresponde melhor à palavra *karada* (体), mais próxima da nossa “*corpo*”; em *Mi* (身), o sentido do corpo recebe vários aspectos adicionais não abrangidos por *karada* (体) ou *jiko, jibun, honnin* (自己, 自分, 本人), etc. Daí a prevalência do uso de *Mi*; pelo menos nos provérbios e nas expressões idiomáticas. *Mi* pode ser usado vestir (revestir-se), adquirir etc. Assim, diz-se: “Coloquei o avental no corpo.” (fixar o avental ao *Mi*) do mesmo modo que também é usado para dizer “Adquirir conhecimento.” (Fixar o conhecimento ao *Mi*).

Trazendo como exemplo a nossa própria experiência pedagógica (HIROSE, 2007), quando elaboramos projetos procurando ou não um enfoque ao vínculo, ao corpo e aos sentimentos das crianças, conscientemente ou não, cada educador estará baseado na forma como concebe o ser humano. Por exemplo: “que somos seres que sentimos, pensamos e agimos numa totalidade que integra o corpo, o coração e a mente”. Ao lembramos dos vários significados do *Mi* verificaremos que está muito próximo do que tentamos expressar na sentença anterior.

Se lembrarmos da expressão “Fixar o conhecimento no *Mi*” percebemos a proximidade de pensamento que vemos nesta sentença: “O conhecimento deve ser feito pela totalidade do indivíduo, e não apenas pela razão. E é essa totalidade que modela as imagens às quais o mundo se adapta.” (MAY,1975:136) Quando falamos de sentimento não significa apenas afeto. Significa, segundo interpretação de May a capacidade total do organismo humano para sentir o seu mundo. “Fixar o conhecimento no *Mi*” consegue conter esta concepção de aprendizagem.

A partir dessa complexidade do *Mi* podemos compreender o alcance pedagógico e antropológico de diversas práticas da tradição japonesa, particularmente a Cerimônia do Chá.

Cerimônia do Chá

Não nos interessa aqui a variedade de formas de realizar a *chanoyu*, mas a carga antropológica por detrás dos diversos elementos, que permanece relativamente constante nas diversas variantes de estilo, normais numa tradição secular. A constante é a produção, por meio de ritos materiais, de um efeito espiritual: a cortesia, a consideração pelo outro, a reverência pelo convidado.

Tive, em meus tenros anos, no Japão, o privilégio de aprender com uma criteriosa mestre tradicional, minha avó Shizue Hirose, os diversos elementos da

chanoyu. A cerimônia completa pode durar até 4 horas; em sua forma simplificada - só a parte final -, cerca de uma hora.

Se possível, a cerimônia se realiza numa casa anexa, especialmente reservada para ela, à qual se chega por um jardim, e dispõe de uma sala preparatória e uma sala de espera.

A chaleira, as xícaras, a colher de bambu para servir e o misturador de bambu costumam ser objetos trabalhados com requinte. Os convidados trajam quimonos de cores discretas, meias brancas e portam um leque e pequenos guardanapos.

Os convidados entram curvados, em sinal de humildade. O anfitrião leva-os pelo jardim até a sala da cerimônia. Na beira do caminho há um recipiente de pedra com água para os convidados lavarem as mãos e a boca. A entrada da sala de cerimônias é baixa, de tal modo que para entrar é preciso abaixar-se: é evidente que neste ponto, como em tantos outros, a Cerimônia - pelo corpo, pelo material - quer induzir às atitudes espirituais apropriadas.

Cada convidado se ajoelha diante de uma espécie de retábulo, a *tokonoma*, e faz uma profunda reverência e, com o leque diante de si, admira a imagem ou o quadro pendurado na parede da *tokonoma*. O quadro é especialmente escolhido pelo anfitrião para esta recepção. Repetem-se essas ações diante do braseiro do chá e, em seguida, todos se sentam: os convidados principais mais próximos do anfitrião. Após a troca de reverências e cortesias, é servida a *kaiseki*, uma pequena refeição, seguida de alguns doces tradicionais.

A um sinal do mestre, os convidados vão para um jardim interno que enlaça a casa do chá. O soar de um gongo – cinco ou sete toques – indica que vai começar a parte principal da cerimônia. Repetem-se as abluções e todos voltam para a sala. Um ajudante retira as persianas de junco das janelas para que a sala se encha de luz (que representa a luminosa presença das visitas...). Nesse meio tempo, o quadro da *tokonoma* foi retirado e em seu lugar instala-se um ikebana, arranjo floral artístico (que alude ao aroma e à beleza que os convidados trouxeram à casa). As cerâmicas para o chá e para a água já estão em seu lugar e o anfitrião entra com a chaleira (com o misturador de bambu) e em cima a colher de bambu.

Os convidados admiram o arranjo floral e a chaleira e o mestre vai buscar um vaso para a água que sobrar, a colher e o suporte para a chaleira. A seguir, limpa o recipiente do chá e a colher de mexer com um pano especial e enxagua a colher de mexer na chávena, após verter nela água quente da chaleira.

O anfitrião levanta a colher e o recipiente do chá e serve o *matcha* (a erva do chá) e o mexe com o bambu até que a mistura adquira uma consistência grossa de espuma e deixa perto do braseiro. O convidado principal vai de joelhos apanhar seu chá, faz uma reverência aos outros convidados e põe sua cuia na palma da mão esquerda, amparando-a com a direita (indicando o reverente cuidado com que aceita a generosidade da acolhida, da qual se sabe não merecedor). Sorve ligeiramente o chá, elogia seu sabor, dá outros dois goles e limpa a parte que foi tocada pelos lábios com um *kaishi* (guardanapo retirado sutilmente do quimono). Passa a chávena a outro convidado, que repete a operação; e outro..., até o último. Este então passa a chávena ao convidado principal, que o devolve ao mestre.

Claro que indicamos apenas alguns de um sem-número de detalhes e rigorosas prescrições materiais e corporais, que se articulam com quatro valores da tradição japonesa são: *wa, kei, sei, jaku*.

Wa, a paz e a harmonia, são realizadas entre anfitrião e convidado, entre os convidados, entre o que é servido e os utensílios etc.

Kei é o respeito e a reverência, ligados à gratidão que se dirige às pessoas e se estende até aos objetos da Cerimônia. Cada gesto é uma manifestação de delicadeza e atenção, que – se tudo correr bem – acaba por se incorporar às vidas dos convivas.

Sei é a pureza material e espiritual. Purificar os utensílios do chá é, ao mesmo tempo, purificar-se.

Jaku é a tranquilidade, que prepara para acolher imperturbavelmente as vicissitudes que o futuro possa trazer.

Valores mais vivenciados a partir de uma tradição na qual o *Mi* já é muito mais do que o corpo na dicotômica concepção ocidental...

Referências Bibliográficas

- HIROSE, C., LIMA, Florice S., AVANZI, Mara. Projeto: sentindo, pensando e aprendendo- uma busca além do ler, escrever e fazer contas in LAUAND, Jean(Org.) **Filosofia e Educação – Estudos 2**. S. Paulo: Factash/CEMOrOc-Feusp, 2007,v.2. p.29-58.
- LAUAND, Jean. Método e Linguagem no Pensamento de Joseph Pieper. in: LAUAND, Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006.
- LAUAND, Jean. Antropologia e Formas quotidianas - a Filosofia de S. Tomás de Aquino e nossa Linguagem do Dia-a-Dia. in: LAUAND, Jean. **Filosofia, Linguagem, Arte e Educação: 20 Conferências sobre Tomás de Aquino**. Coleção Humanidas, V.1. São Paulo: Factash Editora, 2007.
- MAY, Rollo. **A Coragem de criar**, 14ª impr., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- MACMILLAN, ed. **Niti-Tyu-Ei-Gengobunka Jiten**, Tokyo: Ed. Macmillan Language House, 2000.
- MURAYAMA, Makoto. **Kotowaza, Kanyouku, Omoshiro Jiten**, Tokyo: Ed. Saera shobou, 1986.
- NAGAOKA, shoten. **Ditsuyou Kotowaza Shoujisho**, Tokyo: Ed. Nagaoka Shoten. 1981 (1ªed.) 1992.
- ROBERT, ed. **Robert Dictionnaire de Proverbes et Dictons**, Paris, Ed. Robert, 1989.
- SANKOU, shuppan. **Shinpan Koji Kotowaza Shinjiten**, Tokyo: Ed. Sankou shuppan, 1994.

Recebido para publicação em 11-11-09; aceito em 15-12-09